

CORAÇÃO SATÂNICO



WILLIAM HJORTSBERG

WILLIAM HJORTSBERG

**CORAÇÃO
SATÂNICO**

Tradução de SÉRGIO HENRIQUE POMPEU



EDITORIA BEST SELLER

Título original: *Falling Angel*

Copyright © William Hjortsberg Publicado sob licença de Harcourt

Brace Jovanovich, Inc./

Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa adquiridos por EDITORA NOVA CULTURAL LTDA., que se reserva a propriedade desta tradução.

EDITORA. BEST SELLER uma empresa da Editora Nova Cultural Ltda.

Av. Brig. Faria Lima, 2000 — CEP 01452 — Caixa Postal 9442 São Paulo, SP

ISBN 85-85091-66-5

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Para Bruce, Jada, Ellen e Nick,

"meninos e meninas juntos... nas calçadas de Nova York".

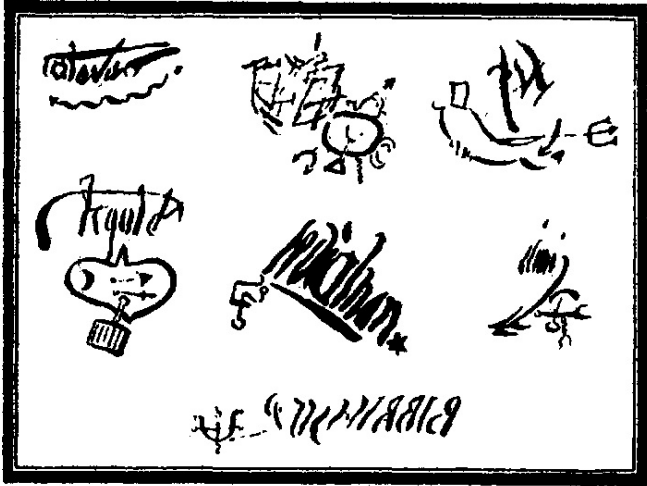
E para Bob,

que viajou na luz fantástica.

– Ah, quão terrível é a sabedoria quando não traz benefício algum ao homem que
é sábio!

SÓFOCLES

Édipo Rei



1

ERA UMA SEXTA-FEIRA 13, e um palmo de neve derretida, resquício do dia anterior, ainda cobria as ruas. Do outro lado da Sétima Avenida as manchetes se sucediam no luminoso ao redor da fachada de terracota da Torre Times: HAVAI É ACEITO COMO 50? ESTADO DA UNIÃO: CONGRESSO APROVA LEI POR 232 VOTOS A 89; SANÇÃO DA LEI POR EISENHOWER ASSEGURADA. Havaí, doce terra de abacaxis, sol, surfe e saias requebrando ao sabor da brisa tropical, embaladas pelo som das guitarras típicas, os ukuleles.

Girei a cadeira na direção da Times Square. No Claridge, o *outdoor* de Camel despejava grossos anéis de fumaça sobre o tráfego agitado. Dias antes, graças a pintores suspensos por andaimes, o garboso cavalheiro do anúncio, a boca petrificada num "O" de permanente surpresa, trocara seu sobretudo e chapéu de brim escuros por uma roupa mais leve, listrada, e chapéu-panamá; apesar da falta de poesia, o fumante era o mensageiro da primavera na Broadway.

Meu prédio fora construído antes da virada do século: quatro andares de tijolos, fuligem e excremento de pombos, o telhado tomado por cartazes anunciando vôos para Miami e várias marcas de cerveja. Havia uma charutaria na esquina, um salão de pôquer, duas barracas de cachorro-quente e, no meio do quarteirão, o Teatro Rialto, cuja entrada espremia-se entre a de uma livraria pornográfica e a de uma loja de trucagens, com suas vitrines cheias de almofadas, daquelas que fazem barulho quando alguém senta nelas, e imitações de cocô de cachorro.

Meu escritório ficava no segundo andar, ao lado da Eletrólise Olga, Importadora Teardrop e do Escritório de Patentes Ira Kipnis. Letras douradas de vinte centímetros garantiam minha supremacia sobre a vizinhança: Agência de Detetives Crossroads, nome que comprei, junto com o negócio, de Ernie Cavaleiro, de quem me tornara assistente ainda no tempo da guerra, recém-chegado à cidade.

Eu estava de saída para um café quando o telefone tocou:

– Senhor Harry Angel? — perguntou a voz distante de uma secretária. — Herman Winesap, da McIntosh, Winesap and Spy chamando. — Balbuciei qualquer coisa e ela completou a ligação.

A voz suave de Herman Winesap entrou na linha, anunciando que eu falava a um procurador. Isso significava que seus honorários eram altos; alguém que se intitula advogado sempre custa muito mais barato. Winesap se exprimia tão bem que o deixei comandar a conversa:

– A razão pela qual liguei, senhor Angel, foi certificar-me da disponibilidade de seus serviços no momento.

– Algo relacionado com sua firma?

– Não. Falo em nome de um de meus clientes. O senhor está disponível?

– Depende do trabalho. Preciso de alguns detalhes.

– Meu cliente prefere discuti-los pessoalmente. Ele sugeriu que almoçassem

juntos hoje. No Top of The Six, à uma em ponto.

– Talvez você possa me dizer o nome de seu cliente, ou devo procurar por alguém usando um cravo vermelho?

– Tem um lápis à mão? Vou soletrá-lo para você.

Escrevi Louis CYPHRE no bloco de anotações e perguntei como se pronunciava; Herman Winesap exibiu sua classe, acentuando o erre como um professor da Berlitz faria. Perguntei então se o cliente era estrangeiro:

– O senhor Cyphre possui passaporte francês, embora eu não esteja certo quanto a sua verdadeira nacionalidade. Quaisquer perguntas que queira fazer, ele ficará muito satisfeito em respondê-las durante o almoço. Posso dizer a ele que o espere?

– Estarei lá, à uma em ponto.

O procurador Herman Winesap ainda fez alguns gentis comentários finais antes que eu pudesse acender um de meus charutos preferidos em comemoração.

2

O NÚMERO 666 da Quinta Avenida era um infeliz casamento de estilo internacional com a moderna tecnologia americana. Construído dois anos antes entre as Ruas 52 e 53, seus trezentos mil metros quadrados de escritórios cercados de painéis de alumínio pareciam um ralador de queijo de quarenta andares. Nem mesmo a queda-d'água no *lobby* conseguia ajudar muito.

Tomei o elevador expresso até o último andar, peguei a senha com a moça da chapelaria, e apreciava a vista quando chegou o *maitre*, lançando-me, desdenhosamente, um rápido olhar de avaliação, como um fiscal de abastecimento examinando uma fatia de bife. Nem mesmo o nome de Cyphre no livro de reservas fez com que ele descesse de seu pedestal. Segui-o, através do murmurar polido de executivos, até uma pequena mesa junto à janela.

Sentado ali, com um terno azul de listras finas feito sob medida, botão de rosa vermelho na lapela, estava um homem aparentando entre quarenta e cinco e sessenta anos. Apesar dos cabelos negros e cheios, penteados para trás, o bem aparado cavanhaque e o bigode pontudo eram brancos como ar-minho. A pele tinha um tom bronzeado e os olhos eram de um azul etéreo, distante. O brilho de uma pequena estrela de ouro invertida, presa ao nó de sua gravata de seda castanha, dava o toque final a sua elegância:

Sou Harry Angel — disse, enquanto o *maitre* afastava a cadeira para que eu me sentasse. — Um advogado chamado Winesap disse que você queria falar comigo.

Aprecio homens que vão direto ao ponto! Aceita um drinque?

Pedi um *manhattan* duplo, sem hesitar; Cyphre, batendo no copo com o dedo, unhas cuidadosamente aparadas, pediu que repetissem a dose. Era fácil imaginar aquelas mãos bem tratadas segurando um chicote. Nero deve ter tido mãos como aquelas; Jack, o Estripador, também. Lânguidos, embora letais, seus dedos eram alongados, cruéis, perfeitos instrumentos do mal.

Quando o garçom nos deixou, Cyphre inclinou-se para frente, fitando-me com um sorriso cúmplice:

– Detesto ater-me a trivialidades, mas gostaria de ver alguma identificação antes de começarmos.

– Aqui está — disse, enquanto entregava a carteira, mostrando a ele minha licença e o emblema de inspetor honorário. — Aí estão também minha autorização para porte de arma e carteira de motorista.

Ele correu os dedos pelos suportes de celulóide e, ao devolver-me a carteira, observou, com um sorriso ainda mais branco nos lábios:

– Prefiro acreditar na palavra de um homem, mas meus consultores legais insistiram nessa formalidade.

– Nunca é demais tomar alguns cuidados.

– Achava que fosse do tipo que gosta de se arriscar, senhor Angel.

– Só quando há necessidade. — Eu me esforçava por identificar algum sotaque, mas a voz de Cyphre era lisa e clara como uma moeda a tilintar desde o dia em que fora cunhada. — Acho que deveríamos começar a tratar de negócios. Não sou muito bom para conversa miúda.

– Outra qualidade admirável! — exclamou, retirando do bolso de dentro do paletó uma cigarreira de couro com motivos dourados, da qual tirou um panatela esverdeado, longo e fino. — Aceita um? — Ante a minha recusa, Cyphre cortou a ponta do charuto com um canivete prateado e, enquanto aquecia o panatela com o isqueiro, perguntou:

– Por acaso você se lembra do nome Johnny Favorite?

– Ele era *crooner* de uma orquestra de *swing* antes da guerra, não?

– Exato. Um sucesso da noite para o dia, como gostam de dizer os jornais. Cantou com a orquestra de Spider Simpson em mil novecentos e quarenta. Pessoalmente, nunca me interessei por *swing* nem consigo lembrar-me dos títulos de seus sucessos; de qualquer modo foram vários. Ele quase causou uma tragédia no Teatro Paramount dois anos antes de alguém sequer ter ouvido falar em Sinatra. Você deveria se lembrar, o Paramount fica do seu lado da cidade.

– Johnny Favorite não é do meu tempo. Em mil novecentos e quarenta eu tinha acabado de sair da faculdade, era um tira inexperiente em Madison, Wisconsin.

– Meio-Oeste? Imaginei que você fosse nova-iorquino.

– Espécime meio raro, esse, especialmente acima da Rua Houston.

– Tem razão — concordou Cyphre, suas feições diluídas na fumaça azul do panatela, cuja qualidade era evidenciada pelo odor, fazendo com que eu me arrependesse de tê-lo recusado. — Esta é uma cidade de forasteiros. Eu mesmo sou um deles.

– De onde?

– Digamos que eu seja um viajante. — Desconversou

Cyphre enquanto afastava a fumaça com a mão, gesto que fez irradiar o brilho de uma esmeralda que até mesmo o papa gostaria de beijar.

– Para mim é o suficiente. Por que perguntou sobre Johnny Favorite?

Tão imperceptível quanto uma nuvem passageira, o garçom colocou nossos drinques sobre a mesa.

– Uma voz agradável, pensando bem — disse Cyphre, erguendo o copo à altura do olho, num brinde silencioso. — Como já disse, nunca tive muito estômago para *swing*; muito alto e agitado para o meu gosto. Mas quando Johnny queria, soava doce como um carola. Eu o tomei sob minha proteção no início da carreira: um jovem impetuoso, franzino, nascido no Bronx, o pai e a mãe mortos. Seu nome verdadeiro era Jonathan Liebling... mudado por razões profissionais. Favorite ficava muito melhor nos letreiros. Sabe o que aconteceu a ele?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

